

ORDEM LAGOMORPHA

NELIO ROBERTO DOS REIS
HENRIQUE ORTÊNCIO FILHO
GUILHERME SILVEIRA



Foto: Viamir José Rocha

Os lagomorfos (Gr. *lagos*, lebre + *morphe*, forma) possuem incisivos longos, de crescimento constante como os de roedores. No entanto, são dotados de um par adicional deste tipo de dente nascendo atrás do primeiro par (HICKMAN JR *et al.*, 2004). Esses dentes são inteiramente recobertos por esmalte e mantêm seu tamanho adequado graças ao desgaste proporcionado pelo atrito entre eles. Os dentes pré-molares e molares podem apresentar forma prismática ou cilíndrica e são separados dos incisivos por uma longa diástema (FUENTE, 1981). Distinguem-se dos outros mamíferos pela ranhura em forma de “Y”, no lábio superior, semelhante a uma almofada. Possuem longas patas traseiras com quatro dedos, enquanto as anteriores possuem cinco e têm a alta velocidade e agilidade como principais mecanismos de defesa (MARGARIDO, 1995).

Os representantes da ordem são herbívoros consumindo, principalmente, gramíneas. Realizam coprofagia, retornando as fezes à ação das bactérias do ceco intestinal para a obtenção de vitamina B (ACHAVAL *et al.*, 2004). Alguns lagomorfos jovens ingerem os excrementos de sua genitora como fonte nutricional complementar (FUENTE, 1981).

Apresentam alta taxa reprodutiva devido ao curto tempo de gestação, pela abundância de ninhadas,

número de filhotes e precocidade no alcance da maturidade sexual. Porém, sua densidade populacional não tem aumentado pelo fato desses animais estarem sujeitos a uma forte ação predatória, bem como em função das várias doenças infecciosas que os acometem (FUENTE, 1981). A ordem compreende as famílias Ochotonidae e Leporidae sendo, apenas a segunda, presente na América do Sul (HUSSON, 1978).

FAMÍLIA LEPORIDAE

Os leporídeos são dotados de olhos grandes, orelhas e patas posteriores longas e pelagem macia, fórmula dentária correspondente a: $i\ 2/1\ c\ 0/0, pm\ 3/2, m\ 3/3 = 28$ e representados, originalmente no Brasil, por *Sylvilagus brasiliensis*. Além disso, a família inclui, em outras regiões do globo, cerca de onze gêneros e 61 espécies (WILSON & REEDER, 2005).

Gênero *Sylvilagus* Gray, 1867

Sylvilagus brasiliensis (Linnaeus, 1758)

Popularmente conhecidos por coelhos ou tapitis (HUSSON, 1978), estão distribuídos desde o sul do México até a Argentina (NOWAK, 1999), ocorrendo em quase todo o Brasil, sendo o Rio

Grande do Sul o limite de registro da espécie (MARGARIDO, 1995).

Apresentam 20 a 40 cm de comprimento de crânio e corpo, cauda bastante reduzida e pouco evidente, comparada às outras espécies, entre um e seis cm e peso corporal de até 1,2 Kg (PERACCHI *et al.*, 2002; REIS *et al.*, 2005). Possuem grandes olhos escuros, as orelhas são próximas entre si na região da base, a pelagem é densa e relativamente curta, de coloração marrom amarelada, mais escura do dorso e ventralmente mais clara (MARGARIDO, 1995).

Alimentam-se de folhas, talos e raízes além de frutos e sementes do sub-bosque e em regiões de campos.

Apresentam dimorfismo sexual, sendo a fêmea maior que o macho e se diferenciam dos outros coelhos sul americanos por possuírem três pares de mamas. São solitários, com exceção do período de estro, quando a fêmea pode acasalar com mais de um macho. Não são territoriais, no entanto, defendem as imediações dos locais de repouso ou ninho (PARERA, 2002). Reproduzem-se, na região tropical, durante o ano todo, podendo gerar duas ninhadas neste período. A gestação tem, em média, 30 dias e a fêmea faz um buraco, removendo a terra, formando um ninho para proteção da prole que pode variar entre dois e sete filhotes (MARGARIDO, 1995; REIS *et al.*, 2005). Os filhotes abrem os olhos na primeira semana de vida e, na segunda, saem do ninho pela primeira vez. Com um mês já são independentes e alcançam a maturidade sexual ao terceiro mês, porém, frequentemente acasalam após completarem um ano (PARERA, 2002).

Habitam regiões de mata até campos. São animais típicos de regiões de transição entre bosques e áreas mais abertas ou bordas de cursos d'água, bem como zonas alagadas. Têm hábito crepuscular e noturno. Durante o dia permanecem escondidos



Sylvilagus brasiliensis (Foto: Carlos Eduardo Conte)

sob raízes expostas, no interior de troncos caídos ou diretamente abaixo da vegetação (PARERA, 2002).

Podem esconder-se sob edificações humanas e esta espécie é predada por vários animais, como: répteis, aves e mamíferos, incluindo o homem. Quando ameaçados mantêm-se imóveis e, ao iniciarem uma fuga, podem dar o primeiro salto com mais de um metro de comprimento, deslocando-se em zigue-zague (PARERA, 2002). São frequentemente caçados tanto para alimentação quanto por consumirem frutos e hortaliças em lavouras (FREITAS & SILVA, 2005). Além disso, a caça por cães domésticos é comum, segundo GALETTI & SAZIMA (2006), que observaram em um fragmento urbano de floresta no sudeste do Brasil tal situação, possivelmente pelo fato desses animais residirem às margens da floresta, tornando-se vulneráveis.

Deve ser apontado, ainda, que questões associadas a atropelamentos podem representar relevante impacto sobre as populações, considerando o estado de ameaça de extinção da espécie (ZALESKI *et al.*, 2009).

Estão incluídos na lista de animais ameaçados de extinção do estado do Paraná em função da baixa densidade populacional e, também, em função da destruição de seus habitats (MARGARIDO & BRAGA, 2004).

Gênero *Lepus* Linnaeus, 1758***Lepus europaeus* Pallas 1778**

Introduzida na América do Sul (Chile e Argentina), a espécie, originária da Europa e parte da Ásia, é maior que *S. brasiliensis* e apresenta notável capacidade de adaptação, ocupando tanto florestas quanto áreas abertas, fato que conduziu a espécie ao sucesso no Brasil (PERACCHI *et al.*, 2002). Há relatos de sua presença desde o Rio Grande do Sul (GRIGERA & RAPOPORT, 1983), Santa Catarina, Paraná e São Paulo, notando-se seu avanço ao norte (AURICCHIO & OLMOS, 1999).

Na região dorsal, as lebres europeias ou lebrões, como são vulgarmente conhecidas, possuem coloração do marrom acinzentado ao amarelado com pelos negros. A região ventral é branca (ACHAVAL *et al.*, 2004). O comprimento entre cabeça e corpo varia de 60 a 70 cm, a cauda é curta, com tamanho de 7,2 a 11 cm, sendo negra dorsalmente e branca na região ventral. O peso varia entre 2,5 e 7,0 kg (PERACCHI *et al.*, 2002). Possuem orelhas estreitas e longas, com comprimento de 9,4 a 10,2 cm (ACHAVAL *et al.*, 2004) e os pés longos, possuem pelos, devido a sua origem em regiões frias (EISENBERG & REDFORD, 1999).

Como de característica dos lagomorfos, alimentam-se de material vegetal (FUENTE, 1981).

As lebres são solitárias, aproximando-se apenas durante o período reprodutivo. A gestação pode variar entre 30 e 42 dias. Os filhotes, em número de um a oito, são nidífugos e, já no primeiro dia após o nascimento, apresentam pelos, dentes, olhos abertos e podem locomover-se. As fêmeas podem gerar até quatro ninhadas a cada ano (ACHAVAL *et al.*, 2004) e os machos apresentam forte hierarquia estabelecida (EMONS & FEER, 1999).

Apresentam hábito crepuscular e noturno. Durante o dia permanecem escondidas na mata, local também de repouso, embora possam ser encontradas em regiões abertas. Quando em perigo, podem alcançar uma velocidade de 60 Km/h e, também, nadar (ACHAVAL *et al.*, 2004). Quando ameaçadas têm o hábito de bater os dentes (EMONS & FEER, 1999). Se



Lepus europaeus (Foto: Vlamir José Rocha)

manuseadas ou capturadas por um animal emitem um forte som, ainda de função incerta, mas que pode significar advertência a outros indivíduos da espécie (V. J. ROCHA, *com. pess.*).

Esses animais têm gerado prejuízos à agricultura por consumirem soja, milho e feijão (PERACCHI *et al.*, 2002) e, também, à silvicultura por se alimentarem de plantas jovens de Pinus (V. J. ROCHA, *com. pess.*).

Mesmo com a falta de estudos a respeito desta espécie exótica no Brasil, é certo que suas populações vêm aumentando em função da retirada de florestas para dar espaço à agricultura e pecuária e, hoje, a lebre já é comumente encontrada em todos os estados do Sul e Sudeste do Brasil (V. J. ROCHA, *com. pess.*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHAVAL, F.; CLARA, M.; OLMOS, A. *Mamíferos de la República Oriental del Uruguay*. Montevideu: Imprimex, 2004, 176p.
- AURICCHIO, P.; OLMOS, F. Northward range extension for the european hare, *Lepus europaeus* Pallas, 1778 (Lagomorpha – Leporidae) in Brazil. *Publicações avulsas do Instituto Pau Brasil*, n.2. 1999, 1-5p.
- EISENBERG, J. F. ; REDFORD, K. H. *Mammals of the neotropics: the central neotropics (Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil)*. Chicago: University of Chicago Press, 1999, x+609p.

EMONS, L. H.; FEER, F. *Neotropical rainforest mammals: a field guide*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, 307p.

FREITAS, M. A.; SILVA, T. F. S. *Guia ilustrado – Mamíferos da Bahia: espécies continentais*. Pelotas: Useb, 2005, p. 108.

FUENTE, F. R. Sistemática. In: _____. *Inciclopedia Salvat de la fauna*. v. 11. Barcelona: Salvat S. A. Ediciones, 1981, 300p.

GALETTI, M; SAZIMA, I. Impacto de cães ferais em um fragmento urbano de Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. *Natureza & Conservação*, v. 4, n. 1, p. 58-63, 2006.

GRIGERA, D. E.; RAPOPORT, E. H. Status and distribution of the European hare in South America. *Journal of Mammalogy*, v. 72, n. 4, p. 815-820, 1983.

HICKMAN JR, C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. *Princípios integrados de zoologia*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004, 822p.

HUSSON, A. M. *The mammals of Suriname*. Leiden: E. J. Brill, 1978, 569p.

MARGARIDO, T. C. C.; BRAGA, F. G. Mamíferos. In: MIKICH, S. B.; BÉRNILS, R. S. (Eds.). *Livro vermelho da fauna ameaçada do Estado do Paraná*. Curitiba: Instituto

Ambiental do Paraná. 2004, 764p.

NOWAK, R. M. *Walker's mammals of the world*. v.2. 6.ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999, 1936p.

PARERA, A. *Los mamíferos de la Argentina y la región austral de Sudamérica*. Buenos Aires: El Ateneo, 2002, 454p.

PERACCHI, A. L.; ROCHA, W. J.; REIS, N. R. dos. Mamíferos não-voadores da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E.; BIANCHINI, E.; SHIBATTA, O. A.; PIMENTA, J. A. (Eds.). *A bacia do rio Tibagi*. Londrina, 2002, 125-150p.

REIS, N. R. dos; PEDRO, W. A.; ZANON, C. M. V. Ordem Lagomorpha. In: REIS, N. R. dos; PERACCHI, A. L.; FANDIÑO-MARIÑO, H.; ROCHA, V. J. *Mamíferos da Fazenda Monte Alegre – Paraná*. Londrina, 2005, 155-160p.

WILSON, D. E.; REEDER, D. A. M. (Eds.). *Mammal Species of the World. A Taxonomic and Geographic Reference* (3 ed.), Johns Hopkins University Press. 2005, 2.142 p.

ZALESKI, T; ROCHA, V.; FILIPAKI, S. A.; MONTEIRO FILHO, E. L. A. Atropelamentos de mamíferos silvestres na região do município de Telêmaco Borba, Paraná, Brasil. *Natureza & Conservação*, v. 7, n. 1, p. 81-94, 2009.

